

AMAA VAI À ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

BRUNO PINHO CHAVES¹; ISABELLA ALVES GUIMARÃES²;
LOREDANA MARISE RICARDO RIBEIRO³

¹ Universidade Federal de Pelotas - brunochavespinho@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - bellaaguimaraes@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas - loredana.ribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão AMAA (Acervo Multimídia de Arqueologia e Antropologia) tem por objetivos conjugados a divulgação científica e a instrumentalização da educação crítica, disponibilizando, através de um portal de internet, o www.amaacervos.com.br, textos paradidáticos, mostra de peças arqueológicas, vídeos, planos de aula e cibrexposição. Sua criação foi motivada também por demandas de docentes da rede local de escolas de ensino fundamental e médio que frequentemente procuravam o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da UFPEL (LEPAARQ) em busca de informações e materiais de apoio ao ensino obrigatório de História e Cultura Afro Brasileira e Indígena, determinados pelas Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008. Nesse sentido, o AMAA tem por vocação a difusão, socialização e o compartilhamento de saberes, vivências e pesquisas, a fim de favorecer a apropriação crítica desses conhecimentos por agentes sociais, evidenciando o lugar da dúvida e dos questionamentos sobre identidade, ambiente, a cultura material e o patrimônio, entre outros temas de interesse do AMAA.

Dentre as ações extensionistas do projeto, o AMAA Vai à Escola teve como objetivo a construção de uma ponte sólida entre a escola e a universidade que possibilitasse estudantes a participar do trânsito de questionamentos, saberes e pedagogias. Como ação piloto, em 2019 trabalhamos com 3 escolas. Duas professoras cederam o horário de suas aulas de português e história para que apresentássemos conteúdos do AMAA e os discutíssemos com estudantes. Os conteúdos trabalhados foram expressões do racismo e sexismo, a invisibilidade das mulheres negras nas histórias locais e a ocupação indígena na região. Essas conversas, amparadas pelos planos de aula disponibilizados no portal do projeto, tiveram como objetivo aplicar e avaliar junto à comunidade escolar os materiais didáticos e paradidáticos do acervo multimídia e caminhos para as próximas ações do projeto.

2. METODOLOGIA

O projeto é orientado pela noção de intervenção feminista de Gayatri Spivak e pelas pedagogias de educação como prática de liberdade de bell hooks (em diálogo com a obra de Paulo Freire). A Universidade e a escola são instituições coloniais que narram a historiografia europeia como historiografia do mundo, a única verdade sobre o mundo, e nessa verdade o herói é o europeu colonizador que desbrava as Américas e salva o terceiro mundo da miséria de espírito e cultura. A fim de incitar o questionamento sobre essa “verdade”, buscamos “oferecer um relato de como uma explicação e uma narrativa da

realidade foram estabelecidas como normativas” (SPIVAK, 2010). Nesse sentido, convidamos as turmas a entender a história não como um feixe de acontecimentos e eventos estáticos e passados, mas como um processo tecido pelo cotidiano e por múltiplos sujeitos. Procuramos também chamar a atenção de estudantes para histórias alternativas que possam narrar de outras maneiras a colonização e despertar seu interesse para a crítica descolonial.

Para fomentar os questionamentos são necessários instrumentos e técnicas que atuem como mediadoras na relação de ensino-aprendizagem. A construção e execução das intervenções foram baseadas nas pedagogias engajadas de bell hooks, que vê no partilhar de vivências e no reconhecimento das diferenças uma estratégia potente para a construção do pensamento crítico e da autoconsciência sobre sua situacionalidade sócio-histórica. Proliferando a imaginação e a crítica das estudantes para que elas possam “agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo” (hooks, 2017, p.26).

Para saber como o material didático era recebido por diferentes idades, aplicamos os mesmos planos de aula no 1º ano do ensino médio e no 6º do ensino fundamental II. Antes das ações as participantes do projeto se reuniam para debater qual melhor abordagem e construir coletivamente os roteiros das aulas compondo com pesquisas de conteúdos da internet, como narrativas verbo-visuais (memes, posts, prints), vídeo clipes, audiovisual e conteúdo de youtubers.

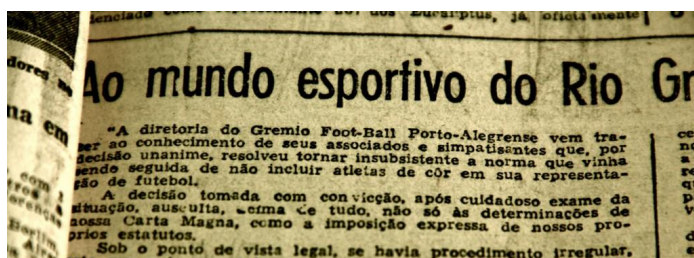
O enfrentamento ao racismo foi a pauta das ações em 2019. Sugerimos como dinâmica a representação, em desenho, de uma pessoa bonita ou, como alternativa, a busca na internet de fotografia de alguém com essa característica. Os desenhos funcionaram com a turma de 6º ano, enquanto as turmas de ensino médio trabalharam com pesquisa de imagens em redes sociais. A partir dos resultados, provocamos as turmas a questionar o padrão de beleza que seguiam, refletindo sobre como as estruturas racistas e sexistas influenciam o que imaginamos e de que forma interpretamos narrativas, imagens e situações. Como mediação didática, também levamos louças e brinquedos arqueológicos do século XIX, oriundos de escavações na praça Pedro Osório e nos casarões do entorno, para discutir o modo como atividades vistas como banais, tal qual se alimentar e brincar, performam gênero com atravessamento de raça e classe. Para discutir o apagamento e racismo contra povos indígenas também usamos materiais arqueológicos, sobretudo objetos em pedra, fotografias e narrativas verbo-visuais de ativistas indígenas, obras de arte, vídeos e postagens em redes sociais.

Na segunda visita às turmas do 6º ano, percebendo o engajamento das alunas com a atividade artística, adaptamos os planos de aula de modo a tornar a atividade mais interativa. Assim, levamos as turmas para o pátio, convidando as alunas a perceber seus corpos e o ambiente, depois escutamos a música Mulheres da Doralyce em ciranda, em roda e questionamos: Quem são elas? Chica da Silva, Dandara, Elza Soares, Anastácia, Marielle. Trazendo as histórias dessas mulheres para refletir sobre a importância dessas narrativas, que tipo de heroínas nós queremos para trabalhar a história do Brasil em perspectivas que não excluam as mulheres, sobretudo mulheres não brancas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em outra ação, roteirizamos uma aula com slides, mas ao chegar na escola não havia equipamentos para isso, o que nos deixou inseguros tentando engajar estudantes com perguntas como “o que é história?”, “Narrativa?”, “Quais

histórias de Pelotas são amplamente contadas?”, “Nós fazemos parte dessas narrativas?” Recebemos poucas respostas e longos silêncios. Até que um aluno branco que estava no fundo da sala começou a responder aos questionamentos com um ar de graça. Pedimos a ele que contasse uma história, sugerimos a história do Grêmio, time de futebol que ele vestia a camisa. Ele então narrou a história cronológica do clube, alguns títulos do time, a composição da equipe, à época, seus principais jogadores e técnico. Tudo conforme a narrativa oficial, contada pelo clube em suas redes e também pelas mídias. Ao finalizar, Bruno interveio com o questionamento “tu sabia, por exemplo, que o grêmio não aceitava jogadores negros na sua origem?”, então o aluno responde “essa é uma história geral”. Esse episódio é um dos exemplos que mostra, a partir do fato de o estudante não ter trazido esse capítulo da história do clube de futebol do Rio Grande do Sul, a importância de conhecer, buscar e desconfiar das narrativas gerais e oficiais.



(Diretoria do clube liberando participação de “atletas de cor”. Correio do Povo, 6 de março de 1952. Fonte: Medium)

A universidade, em especial o curso de Graduação em Antropologia e Arqueologia, tem escassos contatos com o ambiente escolar, o que ficou nítido com a empreitada do AMAA vai à escola. Tal distanciamento é altamente prejudicial, tendo em vista a dificuldade que as professoras têm de aplicar ao longo do currículo as diretrizes expressas nas Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008, que prevêm a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Indígena, trabalhar com temáticas de diversidades culturais como também as diversidades de gênero, raça/etnia e sexualidade, temáticas que são amplamente abordadas pela Antropologia e Arqueologia. Essas dificuldades ganham corpo em virtude de movimentos conservadores como o da ideologia de gênero, sendo este resposta aos avanços das conquistas dos movimentos sociais. Ao passo que tentam “ideologizar” tais questões, colocam-se em um lugar de neutralidade, não assumindo que também respondem a uma ideologia, ideologia essa que quer construir uma realidade a partir de sua narrativa. Paulo Freire disse: “Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?” (apud DA SILVA; PEREIRA; GUADAGNIN, 2019, p. 16).

Outro elemento importante a ser levantado é o fato de estudantes brancas/os performarem corporalidades hegemônicas, portanto localizadas em posições de privilégio, comumente sentindo-se mais autorizadas e à vontade para se manifestarem, visto que o fio narrativo das “histórias únicas” sempre foi conduzido pelo sujeito branco e para seu benefício. A situação com o estudante gremista, se desenrolou na discussão sobre os perigos de uma história única. As narrativas que são contadas de Pelotas, os patrimônios e líderes esculpidos nas estátuas espalhadas, são de sujeitos que atuaram como representativos de um sistema opressivo e excludente e suas interpretações da realidade não podem ser

tomadas como gerais, cronológica, verdadeiras ou universais; pois correspondem a uma narrativa parcial, limitada e localizada (ADICHIE, 2009).

Em contrapartida, buscando identificar narrativas alternativas, as interventoras perguntaram quais pessoas eram suas referências, mas não eram valorizadas pela narrativa oficial da cidade, pessoas que podiam ser lideranças de seus bairros, a presidente da associação de moradores, a costureira da esquina, a doceira, o tio do churrasquinho. Uma das alunas negras disse que sua mãe era doceira, figura fundamental na construção da cultura e religiosidade em Pelotas. Quando questionada sobre as histórias que sua mãe contava sobre doce, ela nos olhou perplexa e sem saber responder. Essa é uma evidência de como a lógica da hegemonia branca está arraigada em nossas mentes e corpos, nos cegando para quem realmente nos constrói e nos mantém de histórias, vivências e aprendizados.

5. CONCLUSÕES

As ações extensionistas se mostraram benéficas e fundamentais para estudantes de graduação visto que precisam se apropriar das discussões da Antropologia e Arqueologia, compartilhando as discussões acadêmicas e se colocando em um lugar de aprendizes do mundo e das relações sociais. Além de mostrar o quão importante é a Extensão com o seu papel de construir pontes entre a comunidade acadêmica e a sociedade, categorias que se inserem uma na outra, o AMAA vai à escola é um ação que repensa o lugar do público diretamente envolvido com a Universidade na cidade e nas instituições, educando a atenção para a construção de corpos e sujeitos educadores que promovam o engajamento crítico a fim de guiar as reflexões a partir do corpo, da trajetória e das redes em que estão inseridas. A construção de uma ponte sólida entre o curso de Graduação em Antropologia e Arqueologia e a escola está em andamento, olhando para o horizonte com perspectivas descoloniais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.

DA SILVA, José Gustavo Santos; PEREIRA, Rafaela Brito; GUADAGNIN, Mario Ricardo. **Escola sem partido e o ensino de geografia: uma ameaça a criticidade dentro de sala de aula**. Criar Educação, v. 8, n. 1, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MEDIUM. **Futebol a cores, uma história de racismo no Rio Grande do Sul**. 02 out. 2014. Acessado em 25 de julho de 2021. Online. Disponível em: <https://medium.com/jornalismoempe/da-ilhota-a-arena-de-tesourinha-a-patricia-mo-reira-739caea6b382>

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.